



## CONSIDERAÇÕES ACERCA DA LEITURA E TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO DIGITAL: ALGUNS PRESSUPOSTOS

### CONSIDERATIONS ABOUT READING AND TECHNOLOGY DIGITAL COMMUNICATION: SOME ASSUMPTIONS

[Dileuza Niebielski Baiocchi](#)<sup>1</sup>

[Beatriz Helena Dal Molin](#)<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho propõe um conjunto de reflexões concernentes às necessidades de ressignificação acerca das práticas de leitura que se evidenciam no contexto da sociedade atual, caracterizadas pela interrelação entre cultura e mídias digitais. Este trabalho dispõe-se a discutir como a Tecnologia de Comunicação Digital (TCD) constitui-se em uma relevante parcela de nossas práticas diárias na atualidade sendo, desse modo, incontestável a conveniência e a compreensão desses recursos com o intuito de favorecer o desenvolvimento do desempenho dos estudantes nas atividades de leitura em suportes digitais. O presente estudo se propõe, ainda, a analisar a importância da Tecnologia de Comunicação Digital acerca da leitura com auxílio das mídias digitais e a conseqüente formação de leitores. Agrega-se que entre os autores pesquisados, concernente à temática, enfatiza-se os postulados de Chartier (2009), Bellei (2002), Zilberman (1991; 2009), Lévy (1996; 1997; 1999), Santaella (2001) entre outros.

**PALAVRAS CHAVE:** Tecnologia de Comunicação Digital; Formação do Leitor; Leitura; Hipertexto.

**ABSTRACT:** This paper proposes a set of reflections concerning the redefinition needs about reading practices perceived in the context of the current society, characterized by the interplay between culture and digital media. This paper sets out to discuss how the Digital Communication Technologies (TCD) are in a significant portion of our daily practices today and thereby denying the convenience and understanding of these resources in order to encourage the development of student performance in reading activities in digital media. This study also proposes to examine the importance of Digital Communication Technologies about reading with the help of digital media and the consequent formation of readers. Is added that among the authors surveyed, concerning the theme, the postulates is emphasized in Chartier (2009), Bellei (2002), Zilberman (1991; 2009), Lévy (1996; 1997; 1999), Santaella (2001) among others.

**KEYWORDS:** Digital Communication Technology; Reader Training; Reading; Hypertext.

### INTRODUÇÃO

O presente estudo propõe-se a refletir sobre a temática da leitura com auxílio da Tecnologia de Comunicação Digital (TCD) nos dias atuais. Leitura em contexto digital através da perspectiva de um estado ou condição dos que exercem as práticas sociais de leitura e de escrita

Formatado: Espaçamento entre linhas: simples



através do uso das mídias, ou seja, considerando o cenário de uma cultura da tela (SOARES, 2002).

A prática da leitura é considerada condição inicial para a aprendizagem, principalmente, com o intuito de se viver em uma sociedade letrada. O ensino e o incentivo à leitura enquanto modo de aquisição de saberes tornou-se algo fundamental em inúmeras culturas, sendo assim priorizado o ensino regular de língua e leitura, na maioria das escolas em muitos países.

A leitura traduz-se em vínculo entre o conhecimento estruturado e o universo palpável. O livro enquanto fonte de conhecimento é uma ferramenta antagônica ao obscurantismo e à alienação, visto que através da prática da leitura são desvelados aos indivíduos os latentes problemas sociais enfrentados cotidianamente por seus pares.

Nunca é demais lembrar que a prática da leitura é um princípio de cidadania, ou seja, leitor cidadão, pelas diferentes práticas de leitura, pode ficar sabendo quais são as suas obrigações e também pode defender os seus direitos, além de ficar aberto às conquistas de outros direitos necessários para uma sociedade justa, democrática e feliz (SILVA, 2003, p. 24)

Durante a leitura concebemos conceitos, imagens e outros formatos das mais diversas dimensões, em conformidade ao desígnio que sustenta o ato de ler, porém tal processo ocorre de forma tão instintiva que o leitor acaba esquecendo o que lê (SILVA, 2003). Entretanto, é através da leitura que o indivíduo adquire conhecimentos. A leitura é capaz de transformar o indivíduo, leva-lo a refletir, mantê-lo informado sobre do mundo que o cerca.

Dessa maneira, é incontestável que o ato de ler exceder a decodificação de símbolos, ou seja, tal ação se orienta para muito além disto, conforme postula Villardi (1999):

Ler é construir uma concepção de mundo, é ser capaz de compreender o que nos chega por meio da leitura, analisando e posicionando-se criticamente frente às informações colhidas, o que se constitui como um dos atributos que permitem exercer, de forma mais abrangente e complexa, a própria cidadania. (VILLARDI, 1999, p. 4)

A recente história social da leitura, em âmbito mundial, evidencia as radicais transformações ocorridas no campo, envolvendo os leitores, produtores de textos e seus modos de leitura e escrita. Trata-se de transformações de grande impacto sobre a subjetividade humana e a produção de sentidos. A intensificação da apropriação da TCD, em diversos âmbitos na sociedade atual, tem suscitado importantes estudos referentes às práticas sociais de leitura na atualidade. Portanto, podemos inferir que a TCD exerce transformações cognitivas, sociais e



culturais concernentes aos indivíduos pertencentes à sociedade atual e, vêm configurando novas modalidades de práticas sociais de leitura e de formação de leitores.

### **LEITURA E SUA RESSIGNIFICAÇÃO**

Roland Barthes (1980) postula que “Não restam dúvidas de que é isto a leitura: reescrever o texto da obra dentro do texto de nossas vidas” (BARTHES, 1980, p.26), pode-se inferir, ainda, que o leitor se encontra, invariavelmente, fora do texto, dessa maneira, precisamos compreender nosso status, enquanto leitores, em um universo textual que está, constantemente, sendo escrito em diferentes suportes.

Podemos vislumbrar, não somente na literatura, que é a arte da escrita/leitura, mas também nas artes plásticas, especialmente na pintura, muitas obras que representam em suas telas a relevância da escrita e da leitura valorizando, estas através da arte e seus símbolos, o ato de ler. Tais obras exprimem a valorização da leitura diante de toda a sociedade.

Robert Campin, considerado o primeiro grande pintor flamengo (MANGUEL, 2006), manifesta em diversas de suas pinturas o apreço e a reverência à leitura, representação de pessoas com livros e, ainda, em criações nas quais o livro aparece como objeto que pertence à cena retratada.

Em *A Virgem e o Menino diante de um guarda-fogo* o pintor conduz a leitura a seu auge ao valorizar a cultura letrada através da ilustração de um livro aberto sobre uma mobília ao lado de Maria, a mãe de Jesus; podemos inferir que a Virgem, mãe de Jesus, estaria lendo este livro atividade que precedeu a ação de amamentar seu bebê, como podemos observar pictoriamente na reprodução abaixo. O fato de uma figura divina estar associada a um livro possibilita que o ato de ler signifique um valor maior, elevando a leitura ao sagrado.



*A virgem e o menino à frente de um guarda-fogo*, atribuída a Robert Campin (datada entre os séculos XIV e XV)<sup>1</sup>

Concernente à leitura, a partir do axioma que a trata enquanto atividade intertextual e não simplesmente como um ato de decodificação, em conformidade com outros teóricos, Robert Scholes (1992) em seu livro *Protocolos de leitura*, fomenta essa discussão, o autor afirma, ainda, que inúmeros professores concebem o ato de ensinar a ler como a ação de decifrar ou decodificar palavras. Assim, fazem uso de práticas nas quais se trabalha a mera decifração de palavras de modo que tais práticas têm se mostrado não adequadas a fim de tornar o aluno um leitor apto a interpretar criticamente o mundo no qual está inserido, pois a prática de decodificação restringe a leitura à elementar identificação do significante linguístico, ou seja, de elementos gráfico ou fonológico de cada palavra. Nesse sentido, conforme afirma Zilberman (1991) é perceptível na

<sup>1</sup> Imagem disponível em <http://www.allaboutarts.com.br/default.aspx?PageCode=12&PageGrid=Bio&item=0804P5> acesso em 18 de novembro de 2014.

Código de campo alterado



escola, enquanto mediadora desse processo, uma propensão em alternar entre uma prática habitual em sala de aula que ora valoriza a natureza criativa da leitura e ora estabelece um espaço de leitura demarcado.

Koch e Elias (2012) discutem as concepções de sujeito, língua, e texto que estão na base das diferentes formas de se conceber a leitura. As autoras se situam na concepção interacional e dialógica da língua, que compreende os sujeitos como construtores sociais que mutuamente se constroem e são construídos através do texto, considerado o lugar por excelência da constituição dos interlocutores. Nessa concepção a leitura é compreendida como atividade interativa de construção de sentidos. Assim, é relevante o papel do leitor enquanto construtor do sentido do texto, que, no processo de leitura, desenvolve estratégias como seleção, antecipação, inferência e verificação, além de ativar seu conhecimento de mundo, na construção de uma das leituras possíveis, já que um mesmo texto admite uma pluralidade de leituras, sentidos e significações. Vale ressaltar que a leitura possui relevância, ainda, por fundamentar a cognição do sujeito.

## **NOVOS CONTEXTOS, NOVOS SUPORTES: LEITURA E HIPERTEXTO**

Em uma sucessão de conexões, as informações estão conectadas e difundidas pela Internet. No cenário virtual, estão acessíveis obras completas, cânones da literatura universal, por exemplo, aos leitores. Desse modo, constatamos que o conhecimento e o acesso à informação não está limitado somente a suportes impressos.

Nesse sentido, Roger Chartier, em *A aventura do livro, do leitor ao navegador*, afirma que “apresentam-nos o texto eletrônico como uma revolução, mas a história do livro já viu outras” (CHARTIER, 2009, p.7), porém a revolução com a qual lidamos na atualidade “trata-se de um corte, uma fratura. Desde logo porque o objeto escapa à apreensão da história material tal como ela sabia, outrora, bordar e definir o livro” (CHARTIER, 2009, p. 12).

Para este estudioso, estamos suscetíveis a nos entregarmos à “tentação de comparar a revolução eletrônica com a revolução de Gutenberg”, entretanto, ainda conforme aponta Chartier (2009):

Um livro manuscrito (sobretudo nos seus últimos séculos, XIV e XV) e um livro pós-Gutenberg baseiam-se nas mesmas estruturas fundamentais – as do códex. Tanto um como outro são objetos compostos de folhas dobradas um certo número de vezes, o que determina o formato do livro e a sucessão de



cadernos; que são montados, costurados uns aos outros e protegidos por uma encadernação. A distribuição do texto na superfície da página, os instrumentos que lhe permitem as identificações (paginação, numerações), os índices e os sumários: tudo isto existe desde a época do manuscrito. Isso é herdado por Gutenberg e, depois dele, pelo livro moderno (CHARTIER, 2009, p. 7).

Portanto, podemos perceber que, anteriormente, havia o instrumento em comum e as peculiaridades de como este era produzido e seus resultados, já no momento atual, da revolução eletrônica, na qual não há um instrumento a ser “diretamente manuseado, pois o objeto em si é a tela sobre a qual o texto eletrônico é lido” (CHARTIER, 2009, p. 12). Desse modo, consequentemente, transcende a materialidade.

Ao longo da história da cultura humana, a preocupação com as transformações dos sistemas de informação e comunicação caracteriza-se em uma preocupação nova. “Ela data de meados do século XX, tendo coincidido com a explosão dos meios de comunicação de massa e a consequente emergência da cultura de massas” (SANTAELLA, 2001, p. 24). Assim, a informação e as questões oriundas desta tornaram-se cada vez mais relevantes, até sua incontestável onipresença resultante da recente propagação dos novos meios de comunicação e informação.

Segundo Lévy (1999) a introdução das novas tecnologias na sociedade suscita o desenvolvimento de novas modalidades de práticas sociais de leitura e escrita, características da cibercultura, pois o espaço da Internet possui novos modos de leitura e de escrita, com características próprias, que ocasionam transformações no processo de ler e escrever.

Os textos virtuais são, muitas vezes, construídos sem fronteiras definidas e, frequentemente, intercalam formas, processos e funções da linguagem oral, da leitura e da escrita. No ciberespaço, o leitor e o autor, em processo dialético, encontram-se diante de novas formas de compreensão e produção textuais, o computador é mencionado como *medium* que agrega discursos podendo altera-los e, até mesmo, conduzir à criação, por exemplo, de outros gêneros textuais (MARCUSCHI; XAVIER, 2005) com novas maneiras de ler e escrever. As novas ferramentas de leitura e de escrita, agregadas ao ambiente digital, podem proporcionar construções textuais inéditas considerando as vantagens que podem advir dos sistemas baseados em hipertextos com relação aos sistemas especificamente lineares, sendo que os benefícios podem surgir, justamente, da organização não linear das informações.

Certamente a revolução tecnológica não começou com o advento dos computadores pessoais, e sim anteriormente. Novos dispositivos e cada tecnologia a seu tempo transformaram a relação com o outro, com o conhecimento, com a escrita e com a leitura. A TCD representa,



especialmente a partir das duas últimas décadas do século XX, uma sucessão imensa de modificações no âmbito informacional, com consequências para os diversos gêneros midiáticos, e, ainda, inúmeros desdobramentos para os diferentes segmentos sociais.

Para Barthes (1980) ler é entrar em:

Uma rede com mil entradas; seguir esse caminho é visar ao longe, não uma estrutura legal de normas e desvios, uma lei narrativa e poética, mas uma perspectiva (de restos, de vozes vindas de outros textos, de outros códigos) cujo ponto de fuga é misteriosamente aberto e, no entanto, continuamente transferido. (BARTHES, 1980, p.17)

A elucidação do estudioso nos reporta, também, ao hipertexto que pode ser visto, ainda, como uma recente forma de estruturação textual, um novo espaço de escrita e leitura, que exige um novo modo de ver e fazer, que requer aprendizagem para que os indivíduos possam se apropriar dessa linguagem. Assim, diante de um espaço virtual que vai se desenvolvendo sem limites fazendo com que cada indivíduo sinta-se parte de uma rede, de um sistema: “A tela apresenta-se então como uma pequena janela a partir da qual o leitor explora uma reserva potencial” (Lévy, 1996, p. 39). Sentir-se parte de uma rede, ser capaz de resgatar vínculos, interagir, enfim, interagir, é um dos benefícios que vêm na esteira da era da informação.

Entretanto, segundo Bellei (2002):

Todas as tentativas de criar uma narrativa não linear, contudo, não chegaram a abalar seriamente a tradição de linearidade do livro, porque tentaram questioná-la sem dispor, para tanto, de outro meio ou de outra tecnologia textual que não a do próprio livro impresso (BELLEI, 2002, 26).

É no contexto digital, portanto, que a não linearidade se revela entre os textos. Na seleção do que irá ser lido, o leitor determina de modo independente o trajeto que seguirá. De um link a outro, ele seleciona as conexões do hipertexto, assim o percurso adotado é diversificado e não possui a exigência de uma estrutura linear. Dessa maneira, os textos podem ser lidos em qualquer ordem. Vale ressaltar que o hipertexto, mesmo frente as múltiplas possibilidades não lineares, continua caracterizando-se como um texto e, desse modo, pode também ser lido linearmente. Entretanto, vale considerar o que Lévy (1997) postula:

Sempre num processo de reorganização, ele [o hipertexto] propõe uma reserva, uma matriz dinâmica a partir da qual um navegador-leitor-usuário pode criar um texto em função das necessidades do momento. As bases de dados, sistemas periciais, folhas de cálculo, hiperdocumentos, simulações interativas e outros mundos virtuais constituem potenciais de textos, de imagens, de sons, ou mesmo de qualidades tácteis que as situações particulares atualizam de mil maneiras. O digital recupera assim a sensibilidade no contexto das tecnologias



somáticas [voz, gestos, dança...], mantendo o poder de registro e de difusão dos meios de comunicação (LÉVY, 1997, p. 72).

Quando verificamos que o leitor pode selecionar o conteúdo e construir o texto a ser lido, notamos que não existe um único autor. Frente a uma multiplicidade de maneiras de estruturação, o leitor participa da organização textual e atribui um sentido específico ao texto. Nesse sistema de participação, o leitor ou o receptor se transforma em autor, na medida em que reinventa e ressignifica os caminhos que lhe são apresentados de antemão. Participar e estruturar a própria obra, esse é o papel que leitor assume e nesse sentido Pierre Lévy (1996) postula:

O espaço do sentido [do hipertexto] não preexiste à leitura. É ao percorrê-lo; ao cartografá-lo que o fabricamos, que o atualizamos. [...] aqui, não é mais a unidade do texto que está em jogo, mas a construção de si, construção sempre a refazer, inacabada. Não é mais o sentido do texto que o ocupa, mas a direção e a elaboração de nosso pensamento, a precisão de nossa imagem do mundo, a culminação de nossos projetos, o despertar de nossos prazeres, o fio de nossos sonhos. (LÉVY, 1996, p. 36).

Desse modo, o texto enquanto hipertexto não é inerente aos propósitos do autor, porém, colabora para caracterizar e renovar o universo de significações que somos. Ao explanar acerca do hipertexto, Lévy (1996) elucida que tal atividade tece conexões entre campos de sentido e conecta diversos documentos, desse modo, favorece a organização de todo um pensamento que confere fundamento sobre o qual o hipertexto se sobressai e ao qual remete.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao investigar a respeito das diferenças, rupturas e os deslocamentos que ocorreram no que compreendemos como leitura, em diferentes épocas marcadas por grandes transições, principalmente na era da informação, podemos afirmar que a formação de leitores, na atualidade, impõe-se como um grande desafio, visto que a formação de leitores é fundamental na composição de uma sociedade constituída por leitores críticos e participativos que possam exercer suas cidadanias de modo coerente e consciente.

Na era da informação, com auxílio da TCD, há a possibilidade de uma leitura construída pelo leitor, através do hipertexto, que se constrói por intermédio dos *links*, que interligam um texto a outro, bem como, a imagens, vídeos, etc. Dessa maneira, os modos de ler modificam-se consideravelmente, pois em uma atitude, também interativa, o sujeito leitor transcende sua



posição de leitor e se torna autor de novas significações e materialidades imerso na imensa teia da Internet, sendo responsável também pela criação de materialidade por esta.

Consideramos, pois, que nos dias atuais a leitura é caracterizada por esta nova forma de ler, que as novas mídias nos possibilitam o alcance a incontáveis informações distintas de modo veloz, a migração de uma página a outra no navegador agilmente, a criação de textos agregados a outros textos, encaminhar a imagens e vídeos, disponibilizando-os a comentários, possibilitando ao leitor destes textos a elaboração de sua própria leitura, relacionando textos, informações diversas e tornando-se autor de seu próprio conhecimento e do *texto final*.

À guisa de conclusão, podemos afirmar que a leitura a despeito do suporte utilizado, o que é considerável é que o fato de a leitura ser estimulada seja significativo. Vale salientar, ainda, que a contribuição da era da informação nos processos de leitura e na formação do leitor é tangível, conforme postula Zilberman (2009):

O acesso à realidade virtual depende do domínio da leitura e, assim, esta não sofre ameaça nem concorrência. Pelo contrário, sai fortalecida, por dispor de mais um espaço para sua difusão. Quanto mais se expandir o uso da escrita por intermédio do meio digital, tanto mais a leitura será chamada a contribuir para a consolidação do instrumento, a competência de seus usuários e o aumento de seu público (ZILBERMAN, 2009, p. 5).

Sob a perspectiva histórica, considerando as distintas práticas de leitura convencionais constatamos que as transformações neste contexto ocorrem paulatinamente enquanto que as práticas tecnológicas se manifestam de modo menos sutil do que aquelas. Assim, podemos afirmar que os novos modos de ler são apropriados pelos sujeitos gradualmente devido à própria natureza morosa de seu processo formativo.

## REFERÊNCIAS

BARTHES, R. **S/Z**. Lisboa: Edições 70, 1980.

BELLEI, S. L. P. **O livro, a literatura e o computador**. São Paulo: EDUC; Florianópolis, SC: UFSC, 2002

CHARTIER, R. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo : Editora UNESP, 2009.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. (Orgs.). **Ler e compreender os sentidos do texto**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2012.



LEVY, P. (1996) **O que é o virtual?** São Paulo, Ed. 34.

LÉVY, P. **A inteligência coletiva: para uma antropologia do ciberespaço.** Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

LÉVY, P. **Cibercultura.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

MANGUEL, A. **Lendo Imagens: uma história de amor e ódio.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MARCUSCHI, L. A.; Xavier, A. C. (orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido.** Rio de Janeiro : 2.ed. Lucerna, 2005

SANTAELLA, L. **Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado.** São Paulo: Hacker editoras, 2001.

SILVA, E. T. **Leitura em curso.** Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

SCHOLES, R. **Protocolos de leitura.** Lisboa: Edições 70, 1992.

SOARES, M. B. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura.** Educação & Sociedade: Revista de Ciência da Educação / Centro de Estudos de Educação e Sociedade. Campinas: CEDES, vol. 23, n. 81, p. 143, dez. 2002.

VILLARDI, R. **Ensinando a gostar de ler: formando leitores para a vida inteira.** Rio de Janeiro: Qualitymark, 1999.

ZILBERMAN, R. **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor.** 10. ed. rev. e atual. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.

ZILBERMAN, R. **A leitura no mundo digital.** Signo, Santa Cruz do Sul, v. 56, n. 34, p. 22-32, jan./jun., 2009. Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/signo/index>. Acesso em: 18 nov. 2014.